

REVISTA ESCOLAR

ORGAM DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II || S. PAULO - 1.º de Janeiro de 1926 || N.º 13

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor-director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores-auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga
Alduino Estrada

SUMMARIO:

REVISTA ESCOLAR.

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Botanica. 4 — In-
strução moral e civica. 5 — Geographia. 6 — Physica. 7 — Hygiene.

PEDOLOGIA: 1 — Evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COISAS: 1 — O mata-borrão. 2 — A laranja. 3 — A chlorophylla.
4 — A mão. 5 — Tesouras. 6 — Gordas. 7 — O fólle. 8 — O sal.

QUESTÕES GERAES: 1 — Palestras sobre ensino. 2 — Parques para jógos. 3 —
O ensino de desenho nas escolas publicas de S. Paulo.

LITERATURA INFANTIL: 1 — A lenda dos immigrants. 2 — O presente do "Anno
Novo". 3 — Na roca. 4 — O rico pobre. 5 — O jardim da vovó. 6 —
Orgulho patriótico. 7 — O rei e o homem honesto. 8 — A felicidade.

METHODOLOGIA: 1 — Processo educativo.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Jógos escolares.

O "FOLK-LORE" NAS ESCOLAS: 1 — As aventuras do Quaresma. 2 — Adivinhas.
3 — Brocardos e aphorismos.

VULTOS E FACTOS: 1 — Joaquim Nabuco.

ESCOTISMO.

PAGINA DA CRIANÇA: 1 — Exercícios de raciocínio.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

S. PAULO - Brasil

1926

A. — Foi Maria.

P. — (*O mesmo com os outros exemplos.*) Toda sentença precisa ter uma palavra que *faça*, que *mostre* a acção, e outra que nos *conte* quem a praticou.

A. — Alguma coisa feita e feita por alguém, não é verdade?

P. — E' isso, justamente. (*O caso em que o sujeito é subentendido não deve ainda sêr apresentado.*) Vou agora escrever no quadro-negro umas sentenças, e quero que vocês façam por escrito o que acabámos de fazer oralmente, isto é, digam de cada sentença: 1.º) — qual a palavra que, na sentença, *conta*, *diz* qualquer coisa; 2.º) — qual a palavra que nos mostra *quem fez*, *quem praticou* qualquer coisa.

ARITHMETICA

FRACÇÕES DECIMAES

IV

O professor poderá dar idéa doutras subdivisões decimaes, mas não ha vantagem em gastar tempo a ensinar além de millesimos.

(*Agora, os quadrados deverão estar marcados em millímetros.*)

Alumno. — Ainda é a lição da fazenda?

Professor. — Hoje vamos imaginar que este quadrado seja um estadó, um paiz, qualquer extensão muito grande de terreno.

Primeiro, dividimos o quadrado em dez partes e cada parte era mesmo . . . o que?

A. — Cada parte se chamou *um decimo*.

P. — Muito bem! Depois, dividimol-o em cem partes e cada *uma* se chamou . . . Quem sabe, fale.

A. — *Um centesimo*.

P. — Estes risquinhos, que vocês ahi vêem hoje, dividem

cada centesimo em dez partes.

A. — Então, o quadrado fica dividido em mil quadradinhos?

P. — Justamente. Não vamos, porém, contal-os porque são muitos, nem cortal-os porque os pedacinhos de papel sairiam muito pequeninos. Mas, no nosso territorio esses pedacinhos seriam bem grandes.

A. — E como se chamam esses?

P. — São *millesimos*.

A. — Fórmam a terceira casa decimal.

A. — Decimos, centesimos, millesimos.

P. — Todo o millesimo precisa sempre occupar a 3.ª casa, á direita da virgula decimal.

A. — E todo o algarismo que estiver na 3.ª casa é millesimo.

P. — Alvaro, escreva *cento e vinte tres millesimos*.

A. — (Escreve.) ,123.

P. — Qual é a casa dos millesimos?

A. — E' o 3.

P. — E dos decimos?

A. — E' a 1.ª, á direita da virgula; é o 1. O 2 está na casa dos centesimos.

P. — Agora, escreva, Americo, *dois millesimos*.

A. — O 2 é para ir na 3.ª casa. (Escreve.) ,002. E' assim?

P. — Justamente. Não póde sêr doutro modo. Escreva, Antenor: *doze millesimos*.

A. — (Escreve.) ,012.

P. — (Muitos exercicios serão dados, servindo tambem de occupação.) Diga-me, Arthur, quantos millesimos tem um inteiro? Si cortassemos este quadrado em pedaços correspondentes aos risquinhos, quantos pedaços teriamos?

A. — Teriamos mil millesimos.

P. — E quantos millesimos tem um decimo?

A. — Um decimo tem a decima parte de mil; tem cem millesimos.

P. — E quantos millesimos tem um centesimo?

A. — Cada centesimo tem dez millesimos.

P. — Este nosso territorio quadrado tem uma superficie de 8.000.000 de km.²

A. — Quasi o tamanho do Brasil.

P. — Venha você, Augusto, resolver um problema no quadro-negro. Todos o acompanhem, com atenção, que depois irão resolver outros problemas parecidos com o que eu vou dar.

Supponhamos que este territorio esteja dividido em 5 Estados.

A. — Só cinco?

P. — Só cinco. O 1.º occupa ,125 do territorio todo; o 2.º occupa ,375; o 3.º ,180; o 4.º ,002. Que extensão occupa o 5.º Estado?

A. — O territorio todo tem 8.000.000 de km.² O 1.º Estado occupa ,125 dessa extensão.

P. — Um millesimo que parte será do todo?

A. — Um millesimo corresponde a 8.000.000 de km.² divididos por mil. Corto 3 zeros. Ficam 8.000 km.²

P. — Isso é um millesimo do territorio. Já vêm vocês que um millesimo duma coisa grande será também grande. Si um millesimo representa 8.000 km.², ,125 serão...

A. — Cento e vinte e cinco vezes mais. (Multiplica, dando o resultado.) São 1.000.000 de km.²

P. — Escreva esse resultado, ahi do lado.

(Vêm ao quadro-negro 3 alumnos calcular os outros Estados.)

1.º Estado	1.000.000 km. ²
2.º "	3.000.000 "
3.º "	1.440.000 "
4.º "	16.000 "

P. — Sabemos quanto têm 4 dos Estados. E o 5.º?

A. — Eu sei. E' só achar a somma dos 4, e depois tiral-a do territorio todo.

P. — Venha fazer então.

A. — A somma deu 5.456.000 km.² De 8.000.000 de km.² tirando isso, teremos 2.544.000 km.² que constituem o tamanho desse 5.º Estado.

P. — Muito bem. Vamos vêr quem resolve, no blóco, o seguinte problema:

Deste nosso territorio ,4 são plantados em café; ,10 em algodão; ,003 em fumo; ,2 em cereaes. O resto do territorio não é cultivado.

Que superficies occupam o café? o algodão? o fumo? os cereaes? E que superficie está por cultivar?

BOTANICA

SEMENTES

E' um trabalho quasi inutil o ensino de Botanica sem experimentação. Nunca lhe caberá justa e correctamente o titulo de ensino, mórmente de ensino intuitivo, nem se lhe poderá reconhecer a natureza intuitiva emquanto elle se não firmar na observação immediata das coisas e suas relações.

(Sobre a mesa variedade de sementes em diversas condições.)

Alumno. — (Abrindo uma vagem de feijão.) Como é diferente este ultimo feijão! Tão pequenino! Nem parece irmão dos outros.

Professor. — Si você tivesse de plantar, quaes dessas sementes escolheria?

A. — As maiores.

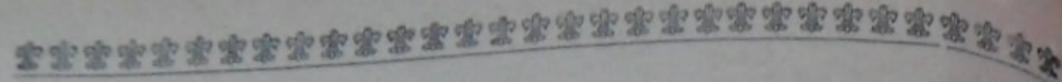
P. — E' isso mesmo.

A. — Eu pensava que qualquer semente servia.

P. — Absolutamente, não. A planta muito depende da escolha que se faz da semente. Quem planta precisa conhecer e escolher a semente tanto ou mais que o terreno em que ella deve sêr plantada. Plantar sementes ruins é desperdiçar tempo, trabalho e terreno.

A. — Quaes são as sementes boas?

P. — Sementes boas são aquellas que possuem vitalidade, que estão em condições de germinar; são aquellas que têm boa reserva de substancias alimenticias para a nova planta.



PEDOLOGIA

EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUET. — Trad.)

(Continuação)

A MARCHA E A LINGUAGEM

A MARCHA

A marcha é a utilização dos movimentos até então desordenados, sem regra.

A criança, como já dissemos, agita os membros desde o primeiro dia de sua existencia, mas automaticamente, como si tivesse alguma outra actividade espontanea a despender, actividade cujos gritos, ao menos os que não parecem estar sob a influencia reflexa duma excitação exterior, seriam manifestações da mesma especie que os movimentos. Mais tarde, os gestos se definem e se realizam de modo mais coordenado sinão mais reflectido. A agitação dos braços é o primeiro a se manifestar, porém os membros inferiores tomam parte nesse conjunto de movimentos. A agitação destes membros é para a criança um dos seus modos mais habituaes de testemunhar alegria ou desprazer, e póde-se affirmar que em todo o longo periodo dos primeiros mezes, os membros inferiores e os superiores se agitam em character sympathico, sem que nessas manifestações uns tenham preponderancia sobre os outros.

A marcha, além disso, ou melhor, o movimento no sólo exige o concurso tanto dos braços como das pernas, e a criança progride, segundo a expressão corrente, *a quatro patas*, muito antes de marchar. Essa progressão toda instinctiva é um excel-

lente preparo para a marcha tal como deverá sêr praticada mais tarde, e deve sêr recommendada em vez de prohibida. Com effeito, esse exercicio feito pela criança é uma educação motora indispensavel e que será consideravelmente reduzida quando lhe fôr necessario aprender a marchar correctamente.

Consideremos a criança collocada no sólo, nessa posição vulgarmente chamada *a quatro patas*. Qualquer coisa que a attráia, collocada longe das suas mãos, para sêr tocada, exige della uma progressão sobre a terra. No conjunto de movimentos que ella então vae executando instinctivamente, é preciso escolher os que possam attingir o fim desejado e eliminar os inuteis, isto é, os que lhe causam obstaculos.

Mais tarde, si se quer fazer a criança marchar na estação natural, a mesma escolha se torna necessaria. Apoiada sob os braços, por exemplo, e com os pés no sólo, o bebê começa por agitar os membros inferiores de modo descoordenado, ataxico, por assim dizer, e só aos poucos que a eleição dos movimentos deverá se realizar, e estes se distinguem dos movimentos superfluos.

Nessa occasião, um outro factor entra em scena — o sentido do equilibrio. Este sentido é instinctivo a principio, assim como os movimentos secundarios que são o seu corollario, por exemplo, o das mãos levadas á frente, quando se rompe o equilibrio e que evita as quédas a que estão sujeitas as crianças nesse periodo; o afastamento das pernas, que lhes proporciona uma base mais sólida para se manterem de pé.

Esta educação da marcha não se faz por parte da criança, sem uma certa apprensão; seu medo é manifesto quando ella não é amparada, e é traduzido por tremores dos membros, incerteza na estação e pequenos gritos. Só depois de muitas tentativas coroadas de successo é que ella terá confiança em si mesma e marchará deliberadamente. Nesse periodo, então, a confiança a levará a excesso contrario, e a criança se lançará em marcha com tal vigor e rapidez que a conduzirão muitas vezes á quéda. Até á primeira quéda a criança não imagina que isso seja possivel e por consequencia não a teme.

Em resumo, toda essa educação da marcha é puramente instintiva. O raciocínio da criança nella toma uma parte muito restricta. Quanto á imitação, isto não parece poder entrar em linha de conta. O unico elemento estranho ao instincto é o amparo dado pelo educador desde os primeiros passos e cujos resultados principaes são fazer com que a criança tenha consciencia da estação bipede, que ella ainda não conhece e assegurar-lhe um apoio que cessará para só reapparecer quando a aquisição do equilibrio seja definitiva. A marcha é um instincto posto em evidencia e auxiliado pela educação.

O ENSINO DE DESENHO NAS ESCOLAS PUBLICAS DE S. PAULO

Um jornalista do "Diario da Noite," dando conta duma das suas muitas visitas ás exposições de trabalhos escolares, houve por bem publicar a minha opinião sobre não só a orientação dada ao ensino de desenho, como ao valor dos trabalhos dessa disciplina, na Escola Normal do Braz.

A citação do meu nome na apreciação justa que faz aquelle jornalista sobre os desenhos das alumnas dessa magnifica Escola de S. Paulo, veiu despertar em mim, distrahido por multiplas obrigações, o dever de trazer em publico, o que ora faço prazeirosamente, os meus mais fortes applausos e o meu caloroso entusiasmo pela obra meritoria, sólida e patriótica que vem fazendo a senhora Noemi Pires, sua competentissima professora de desenho.

Ignorando a situação das varias escolas que, quasi a um só tempo, abriram suas portas para o publico julgar dos trabalhos escolares executados durante o anno lectivo que acaba de findar, pude apenas visitar as exposições das Escolas Profissional Masculina e Profissional Feminina, Escola Normal do Braz, Grupo Escolar do Braz e Escola Modelo e Jardim de Infancia da Escola Normal da Praça, tendo visitado ainda a aula de desenho ha cerca de um mez, do Grupo Escolar da Barra Funda, em companhia do professor Cymbelino de Freitas que, com competencia e dedicação, exerce o cargo de inspector especial de desenho.

Mesmo assim, julgo que não errarei si disser que magnifica foi a minha impressão ao examinar os trabalhos infantis executados sob uma justa e acertada orientação.

Disto já estava eu bem certo e outra não era a minha expectativa, pois conhecia o criterio adoptado pelo professor Cymbelino de Freitas, através do programma dessa disciplina, o qual faz parte do programma de ensino para os cursos primario e médio e para as escolas complementares.

TRABALHOS DA NORMAL E GRUPOS ESCOLARES DO BRAZ E BARRA FUNDA

Com effeito, o que vi na Escola Normal do Braz principalmente, e nos Grupos do Braz e da Barra Funda, dá-me a convicção que trabalho de proveito e obra meritoria e patriótica se estão fazendo em beneficio dos que aprendem o desenho nas escolas publicas de S. Paulo. Na Escola Modelo da Praça ha ainda alguma coisa a corrigir, mas ha tambem muito trabalho intelligentemente ensinado e aprendido. Na Escola Profissional Feminina ha uma professora, cujo nome infelizmente não guardei, que orienta o ensino de desenho no unico e verdadeiro caminho que é o da utilização do conhecimento desta disciplina na sua applicação decorativa. Existe, entretanto, ali um curso de pintura, aliás incabivel por inexplicavel, que, peza-me muito dizel-o, é por demais inútil sinão prejudicial por sêr tudo feito por copia de ruins estampas estrangeiras.

O METHODO DA PROFESSORA NOEMI PERES

Incontestavelmente, o espirito illustrado, servido por uma dedicação illimitada e por uma competencia que cada vez se aprimora, da professora Noemi Peres, da Escola Normal do Braz, é que melhor e mais proficuamente sabe tirar partido do que ensina, a quem ensina e pelo modo criterioso como ensina. A ella caberia, pois o encargo, penso eu, de, auxiliando o professor Cymbelino de Freitas, ir semeando ás suas demais collegas aqui na capital, a boa semente do seu methodo de ensino de desenho, com a visão clara, conhecimento seguro e criterio equilibrado que muitos dicentes professores desta materia não possuem; longe de lá, o contrario.

Infelizmente não me foi dado vêr a exposição dos desenhos das alumnas da Escola Normal da Praça da Republica; ficará para outra vez.

E já que é um dever de dizer a verdade ao publico, a proposito das necessarias e imprescindiveis exposições escolares annuaes, o que me obrigou a vir pela imprensa, aproveito para voltar a bater ainda sobre este assumpto.

O ensino de desenho nas nossas escolas, mórmente quanto á maneira de se o fazer, continúa infelizmente errado nalgumas dellas.

DAR AO DESENHO A IMPORTANCIA A QUE FAZ JUS

Preoccupa-se a acção dos governos no sentido de garantir o aprendizado das demais disciplinas, exigindo-se para isso exames e mais exames, como si por acaso fôsse de menor monta o valor do conhecimento do desenho em confronto com o de outra materia.

Dessa ignorancia, pois, resulta o descuido ou abandono que tem tido tal ensinamento, permittindo-se a individuos, investidos da qualidade de professores sem que para tal possuam elles a mais leve noção daquillo para que são chamados a leccionar, a autoridade de pontificar sobre tal assumpto; resulta dessa ignorancia amparada por tal autoridade a audacia inqualificavel de cometterem o criminoso abuso, com a permissão tacita dos governos, de introduzirem, nas classes escolares, como modelos para o ensino, estampas hediondas, com o duplo fim de ociosamente não trabalharem no ensinamento da materia, por ignorarem-na, como tambem facil lhes é, por meios capciosos, convencer a um publico restricto, do adeantamento das crianças, allegando ainda que a materia ensinada não é para produzir artistas. E assim vão levando a vida macia e descuidada, despreoccupados com o crime que vão, conscienciosa e impunemente, comettendo.

E' tempo de pôr um paradeiro a este estado de coisas. O conhecimento do desenho deve sêr ministrado de tal fórma, simples e racional, que esse conhecimento mesmo deve sêr sempre util ao educando, em qualquer emergencia da vida em que se ache.

UM APPELLO

Traz-me aqui a imperiosa obrigação de vir, na qualidade de brasileiro e de professor de desenho durante vinte longos annos, fazer um appello ao integro Director Geral da Instrucção

Publica deste futuroso Estado de S. Paulo, no sentido de dar uma orientação unica e definitiva ao ensino de desenho nas escolas sob o raio de sua acção; para isso basta pôr, energicamente em execução o programma actual desse ensino. Mas, e é aqui sobretudo que se faz sentir o meu appello, para isto conseguir faz-se preciso impôr a prohibição formal e categorica do uso da estampa ainda crimosamente espalhada por varios departamentos da instrucção publica.

A competencia e a dedicação do professor no exercicio de inspector do ensino de desenho, poderão, dentro de poucos dias, levar a cabo tão patriótica cruzada.

Ordene S. Exc.^a a entrega de todos os papeis prejudiciaes e anti-patriotas, em montões arrumados numa praça, proceda nelles a um auto de fé publico, incinerando-os para todo o sempre, obrigando em seguida que se cumpra o espirito e a letra do programma estatuido. Com este acto obterá S. Exc.^a a devida benemerencia e os applausos das gerações futuras.

Copiar de outrem é escravizar a alma das crianças; é forçar a reproduzir a fórmula aplanada dum corpo que tem relevo, tirando assim ao cerebro o direito de observar, raciocinar e criticar. Já a estampa é uma reproducção errada por si mesma, pela simples razão de o ter sido feito através dum temperamento pessoal, quasi sempre commercial.

Papel e lapis — nada mais, entre o olhar da criança avido de compreender o que vê e a natureza simples, verdadeira e bella, representada pelo objecto palpavel, com a sua fórmula e volume definidos. Nada mais.

CRIME DE LESA-PATRIA

O que se faz, o que se continúa a fazer ainda neste fim do primeiro quartel do seculo XX, conscientemente, permitindo que se copiem ignobilmente estampas que nada dizem ao espirito da criança, no ambiente alegre das escolas, onde os pequeninos querem produzir, de seu cerebro e de sua alma, impressões emotivas e affectivas, é simplesmente um crime de lesa-patria.

Em 1923, no Rio de Janeiro, achei-me, com prazer, envolvido num movimento interessantissimo, tendendo a formação de

curso para o ensino de desenho a sêr ministrado ás professoras do Districto Federal, uma vez que o methodo ali adoptado até então não preenchia de modo nenhum o fim almejado, tal o abuso das estampas com modelos adoptados nos cursos de desenho. Porém, como nada se perde, chegam agora noticias de que o actual Director Geral da Instrucção Publica convidara tres professores desta materia para realizarem aquelles cursos de desenho e de modelagem, ás professoras, abolindo assim duma vez por todas, o pernicioso methodo accommodaticio das estampas nas escolas do Rio. Ainda bem.

APPLICAR O ESPIRITO DA LEI

O Estado de S. Paulo, na vanguarda de todos os demais Estados do Brasil, não pôde perder o seu legitimo logar de "primus inter pares," com um programma de ensino que o colloca nessa invejada situação, embora ainda existam algumas perigosas contravenções, burlando assim o alto espirito da lei em vigor.

E é facilimo ao governo pôr as coisas devidamente nos seus trilhos. Uma pennada apenas confiscando terminantemente as estampas nos departamentos da instrucção publica e uma immediata fiscalização severa nos focos recalcitrantes, e dentro dalguns dias ter-se-á conseguido a liberdade espiritual para as crianças brasileiras que têm o direito de vêr, reflectir e executar, sem o opprobrio desse captiveiro intellectual.

Mesmo dentro do pequeno espaço marcado pelo regulamento para o estudo desta disciplina, poderá o mestre muito obter si sua acção fôr honesta e persistente.

ORGANIZAR UMA EXPOSIÇÃO GERAL

Como complemento ao estudo de desenho assim adquirido, afim de mais interessar as crianças nesse seu aprendizado desenvolvendo-o cada vez mais, seria interessante si a Directoria Geral da Instrucção Publica organizasse, no fim de cada anno lectivo e por alguns dias, num só local, uma exposição geral dos desenhos executados por todos os alumnos das escolas da

capital, afim de que do confronto entre todas ellas pudesse o publico julgar do esforço conjugado de mestres e discipulos. Não é difficil nem dispendioso. Dessa primeira exposição ver-se-á, no anno seguinte, o alto grau de desenvolvimento e de entusiasmo entre as crianças, que procurarão melhor produzir para as exposições seguintes. Além desse resultado intellectual assim obtido por essas exposições annuaes, accresce mais que serão ellas um estalão seguro para a devida promoção, como o é o exame para as demais disciplinas.

A exposição dos trabalhos será, pois, um premio para os que mais se applicarem, como será uma punição moral aos descuidados, porque é preciso saber que todos deverão concorrer com um pequeno numero de trabalhos produzidos durante o anno. Sem essa exposição, especie de exame final ou promoção, não haverá interesse por parte do educando no bom desempenho de seu dever, como elle o sente em se tratando doutra disciplina da qual prestará o respectivo exame.

Infelizmente tenho assistido revoltado, a professores desenharem no quadro-negro, procurando serem ingenuos quando de facto o fazem erradamente, e deante de classe numerosa, motivos estrangeiros, copiados tambem por sua vez doutra estampa, dando assim aos seus discipulos o direito de lhes faltarem com o respeito que é devido aos mestres, áquelles que conhecem a materia que leccionam; e nada mais doloroso e incontestavel do que o ridiculo em que cáem quando essa fraqueza da ignorancia é descoberta pela turba iconoclasta da juventude irrequieta.

Porque não buscamos, dentro do esplendoroso ambiente de nossa pátria, que nos cerca, elementos emotivos para servirem de modelo ao aprendizado do desenho, ao mesmo tempo servindo tambem para manter incendiado o amor por ella, pelo conhecimento tecnico, scientifico e literario do motivo escolhido?

ENTRE A ESTAMPA E O NATURAL NÃO PÓDE HAVER PREFERENCIA

Seremos por acaso inferiores aos povos cultos doutros paizes? Pois então, entre uma hedionda estampa estrangeira, mal feita e aggressiva ao nosso paiz, de difficil reproducção

por parte da criança, por serem as estampas sempre imperfeitas, e uma flôr ou uma fruta, bella, colorida e deliciosa, nascida no mesmo meio de vida e de esplendor em que nascemos, haverá por acaso, algum espirito equilibrado que possa ficar indeciso na preferencia a dar? Entre uma luxuriante orchidea, de côr e fórmãs impecaveis, gerada sob o azul profundo do nosso céu e um calunga mal feito, de origem duvidosa, importado para lucros individuaes, haverá algum professor brasileiro que vacille na escolha?

Parecerá incrível que a resposta possa sêr affirmativa; entretanto, o commodismo, a ignorancia, o habito servil, o macaquismo emfim, todas essas miserias moraes ainda impedem que o patriotismo em toda a vasta extensão territorial do nosso caro Brasil, seja ensinado ás gerações novas, de frente erguida, deante do encantamento fascinador de tudo o que é nosso, de tudo que é brasileiro.

Não; é preciso corrigir, quanto antes, o que está criminosamente ensinado por estar criminosamente errado.

A complacencia é cumplicidade, sobretudo quando é facil corrigir tão perigoso erro.

Reitero, pois, daqui os meus applausos ás professoras da Escola Modelo da Praça da Republica e da Profissional Feminina, dos Grupos Escolares do Braz e da Barra Funda e muito especialmente á Sra. Professora Noemi Peres, da Escola Normal do Braz, pela obra prestimosa que estão fazendo no ensino racional e criterioso de desenho, e ao professor Sr. Cymbelino de Freitas por ter sabido organizar um programma da materia, digno do adeantamento deste Estado e pôl-o em pratica de maneira criteriosa e efficiente.

Façamos obra brasileira para brasileiros!

THEODORO BRAGA.

(Extr. do "Diario da Noite".)